

## **CORPO-METRIA**

### **BODY-METRIA**

Larissa Camnev / PUC-CAMPINAS

#### **RESUMO**

A unidade corpo abarca matéria passível de ser utilizada como instrumento e como referência. Este artigo aborda a prática artística de perceber-se como/no espaço. Pensa-se no processo de medição do corpo, apropriando-se de métodos e técnicas as quais valem-se de instrumentos de medição como a fita métrica flexível, apresentada no comprimento de 150 centímetros. Propõe-se olhar para diretrizes associadas a uma parte do corpo, em que este experiencia sua espacialidade através do movimento, da ação.

**PALAVRAS-CHAVE:** corpo; medir; percepção.

#### **ABSTRACT**

*The body unit covers material that can be used as an instrument and as a reference. This article addresses the artistic practice of perceiving how/in space. The process of measuring the body is thought of, appropriating methods and techniques which use measuring instruments such as the flexible measuring tape, presented in the length of 150 centimeters. It is proposed to look for guidelines associated with a part of the body, in which this experience its spatiality through movement, of action.*

**KEYWORDS:** body; measure; perception.

### **O corpo em relação ao corpo**

O corpo no espaço. O corpo como matéria. O espaço do corpo. O corpo como ser senciente. Relações que evocam o corpo como referência, como ponto de vista singular em face do mundo. Ao falar de corpo marca-se este como unidade, mas que somente é um a partir de partes: “É cheio de outros corpos, partes, órgãos, pedaços, tecidos, rótulas, anéis, tubos, alavancas e foles. É também cheio dele mesmo: é tudo o que ele é” (NANCY, 2015, p.87). É ferramenta vital para o estudo do espaço, meio para tocar a superfície-pele do mundo: “Em vez de rivalizar com a espessura do mundo, a de meu corpo é, ao contrário, o único que possuo para chegar ao âmago das coisas, fazendo-me mundo e fazendo-as carne” (MERLEAU-PONTY, 1971, p.132).

Estabelece-se através dos elementos corpo e espaço uma relação indissolúvel, afinal “não se pode divorciar o Homem e espaço. O espaço não é nem um objeto externo, nem uma experiência interna. Não podemos ter o Homem e espaço separadamente” (HEIDEGGER, 2010, p.31). Trata-se de um diálogo entrelaçado de permuta entre: espaço-corpo, corpo-espaço, envolvendo a atividade, a ação. Para Nöe (2004, p.1) perceber envolve ação e é dependente das habilidades corporais, sendo que “não é algo que acontece para nós ou em nós. É algo que fazemos”. Na ação de atuar, de mover-se no espaço, o corpo munido de suas competências sensório-motoras torna-se mediador e agente da experiência no ambiente, atestando que “Um corpo não “é” no sentido que se costuma supor que uma coisa ou um conceito “é” - posto, delimitado, estabilizado em algum lugar. Um corpo só é fazendo e se fazendo (...)” (NANCY, 2015, p.8).

Pensando na experiência espacial como possibilidade de construção via capacidade sensória-motora, sobre a articulação do meu corpo no espaço, aproxima-se um embate cotidiano acometido de forma espontânea: No ato de me banhar todo dia em um mesmo espaço desde a infância, um box de 80 cm x 80 cm, percebi que: ora o espaço me parecia diminuto, ora me parecia maior. Trata-se de um espaço sem objetos, o que me obrigou a perceber o atravessamento das relações entre corpo e espaço que se teciam. A partir dessa variação espacial perceptiva, embate entre o que sinto e a convenção, refleti: Se o espaço físico não é alterado, o que se altera? Como o espaço se constrói a partir do corpo? Como me perceber como espaço?

Para reconhecer meu corpo como matéria no espaço, propõe-se realizar ações em que o corpo experiencia sua materialidade, pois como afirma Gaiarsa (1995, p.44) “Sem uma situação experimental, provavelmente jamais nos daríamos conta do fato”. Entendo meu corpo como sistema ativo-perceptivo, instrumento de pesquisa, em que faço uso afim de:

(...) aprender a praticar a relação consigo mesmo, aprender a escutar a si mesmo, aprender o deixar-*vir* que supõe a aceitação do preenchimento não imediato que sempre segue ao gesto de suspensão. (...) a prática de atender a sua experiência subjetiva implicará a sua pessoa inteira, desde que será uma questão de trabalhar sobre a sua própria auto-relação, sobre os detalhes de sua própria experiência (DEPRAZ; VARELA; VERMERSCH, 2003 p.101).

No uso do corpo como instrumento e como referência estabeleço uma auto-relação, assumindo o corpo como padrão de medida. Apropria-se do método de aferir medidas a partir do corpo, pensando em grandezas e padrões como estímulo.

### **O corpo em relação a medida**

O ato de medir segundo o dicionário Michaelis (2018):

medir

me.dir

1 Determinar a medida ou a grandeza de algo utilizando um instrumento de medição; mensurar.

2 Avaliar algo de maneira aproximada, sem uso de instrumentos de medição; calcular.

3 Ter determinado comprimento, altura, extensão etc.

4 Servir de medida para.

5 Avaliar a importância de algo; calcular, ponderar.

6 Observar atentamente, a fim de proceder a um julgamento ou avaliação.

7 Contar as sílabas de um verso; escandir.

8 FIG Indicar a importância de algo, procedendo à comparação com outra coisa; ajustar, adequar.

9 FIG Estar na mesma proporção de intensidade em relação a algo; proporcionar.

10 FIG Usar de forma moderada; moderar.

11 FIG Avaliar usando testes ou outros instrumentos.

12 FIG Observar alguém de modo insistente e provocativo; encarar.

13 FIG Não desperdiçar tempo ou dinheiro.

14 FIG Avaliar-se mutuamente com a troca de olhares.

15 Baterem-se um contra o outro; combater.

16 Tentar suplantar ou igualar-se às qualidades de outro; rivalizar.

[Verbo irregular.]

ETIMOLOGIA

lat metiri (MICHAELIS, 2018).

O processo de medição implica definir um valor. A prática de mensurar o meu corpo, matéria desigual, envolve o estudo da antropometria, técnica de medição do corpo humano e de suas partes, abarcando: tamanho e forma. A palavra antropometria é de origem grega, assim como elucida Petrosky (1999): “anthropo” a homem e “metry” a medidas e se dedica a medir e acompanhar os formatos, os ângulos, compreendendo conhecimentos anatômicos. Explana-se sobre os conceitos da antropometria de modo que para efetuar-se as medições, deve-se considerar o estado do corpo no espaço, assim como afirma Iida (2005) ao descrever a antropometria estática, dinâmica e funcional:

(...) estática é aquela em que as medidas se referem ao corpo parado ou com poucos movimentos e as medições realizam-se entre pontos anatômicos claramente identificados; dinâmica mede o alcance dos movimentos, os movimentos de cada parte do corpo são medidos mantendo-se o resto do corpo estático; funcional são medidas antropométricas relacionadas com a execução de tarefas específicas (IIDA, 2005, p.110).

As medições do corpo fazem da ação um estar continuamente em relação a algo: o corpo em referência à medida, a medida em referência ao corpo, gerando um vínculo de dependência entre ambos. As medidas são tomadas a partir de um instrumento de medição, o qual dispõe das unidades de medida assim como o centímetro, o milímetro, a polegada e pés. O instrumento materializa uma grandeza, tornando possível remeter através de um objeto a grandeza física. Existem dois modos de realizar medições corpóreas: pelo sistema mecânico (manualmente) e pelo sistema computadorizado (via programas que já realizam a leitura tridimensional das medidas do corpo em cabines). No sistema mecânico, os instrumentos de medida entram em contato físico direto com o corpo, sendo eles toesas, réguas, compassos curvos, fitas métricas, trenas, paquímetros.

Debruço-me sobre o sistema mecânico, considerando a fita métrica plástica flexível e não elástica enquanto instrumento de medida, apresentada no comprimento de 150 centímetros. Neste processo manual de medir com a fita métrica, percebe-se a inscrição de grandezas, as unidades: o centímetro e o milímetro, em relação ao metro; o centímetro como a centésima parte do metro e o milímetro como a milésima parte do metro. As unidades viabilizam a relação de “servir para”, evocando o desenvolvimento de regras aplicáveis de forma a circular o conhecimento. Os centímetros pertencem ao sistema CGS de unidades, relacionado a unidades de

medidas dimensionais. Apesar de não importar debater sobre as normas, é relevante mencionar que as medidas se originam de uma convenção que elabora unidades bases, padrões, os quais estabelecem e uniformizam o modo de saber “o quanto de algo”. São modos de leitura geridos e introduzidos pelo ser humano. Importa a singularidade das medidas, compreendendo que é algo imposto por uma convenção, a qual apodero-me para formular outro modo de leitura. Para se fazer uso do instrumento de medição no corpo deve-se levar em conta técnicas. Silveira (2007) faz algumas indicações sobre a utilização da fita métrica no processo manual de medição corporal:

- a) o plano da fita deve estar adjacente à pele e, suas bordas perpendiculares em relação ao eixo do segmento em que se medir (com exceção das medidas do perímetro da cabeça e do pescoço);
- b) realizar as mensurações exercendo leve pressão sobre a pele;
- c) não deixar o dedo entre a fita e a pele;
- d) medir, sempre que possível, sobre a pele nua (como uma segunda pele);
- e) determinar sempre os pontos referenciais anatômicos, que de nem onde começa e termina a mensuração;
- f) realizar a leitura com a aproximação de milímetros;
- g) mensurar, sempre que possível, na presença de um outro avaliador, ou em frente ao espelho, à fim de garantir que a fita seja colocada no mesmo plano horizontal, em relação à face anterior e posterior do avaliador (SILVEIRA, 2007, p.7).

Com essas indicações gerais sobre o uso manual, importa investigar como e quais são os métodos específicos de aferir medidas corpóreas por intermédio da fita métrica flexível. As orientações que seguem apresentam-se como instruções, práticas, procedimentos de instauração do trabalho poético:

- Ombro: medir desde o início da base do pescoço até a juntura do braço com o ombro.
- Busto: estender a fita métrica ao redor da parte mais saliente do busto.
- Cintura: envolver a fita métrica na cintura.
- Quadril: estender a fita métrica ao redor da parte mais volumosa dos quadris.
- Altura de frente: esticar a fita métrica a partir da linha do ombro até a cintura.
- Contorno braço: contornar a parte mais larga do braço.
- Largura das costas: esticar a fita métrica nas omoplatas.
- Pescoço: envolver a fita métrica no pescoço.
- Comprimento de calça: esticar a fita métrica a partir da altura da cintura até o tornozelo.

As tomadas de medidas são diretrizes associadas a uma parte do corpo (Figura 1), considerando partes mais elevadas, extremidades corporais como bases a serem contornadas pela fita métrica, como por exemplo o busto, os quadris. É apoiado nesse método que disponho das minhas medidas corporais (Figura 2).

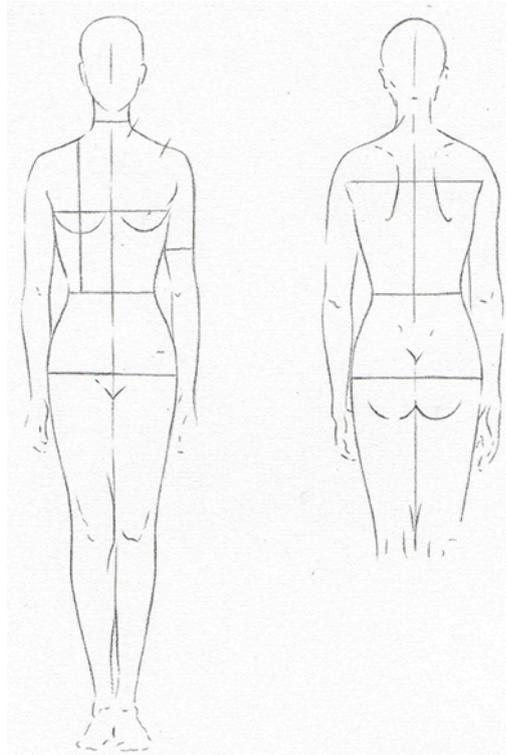


Figura 1: Larissa Camnev. Esboço das diretrizes para a tomada de medidas corpóreas, 2017.  
Fonte: Elaborada pela autora.

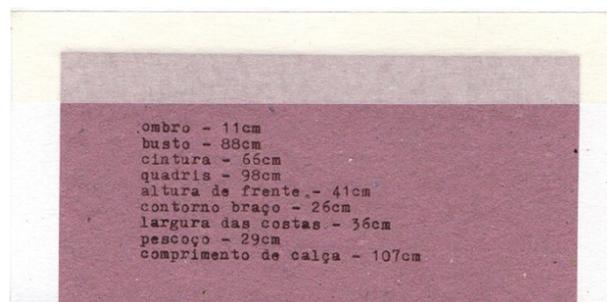


Figura 2: Larissa Camnev. Medidas aferidas, abril/2017.  
Fonte: Elaborada pela autora.

Ao guiar-me pela medida para estabelecer especialidades, faço do ato um modo de significar a matéria conformado pelo instrumento utilizado. Aproprio-me de uma unidade de medida: o centímetro, o qual é acomodado em vários instrumentos de diversas materialidades, rígidas, flexíveis, retráteis e opto pela fita métrica mole,

diante da potencialidade de mensurar a forma tridimensional, corpos inanimados e vivos.

O ato de envolver meu corpo com uma fita métrica, instala-se uma medida, parte do corpo se conserva e proporciona observar a minha materialidade fora de mim (Figura 3).

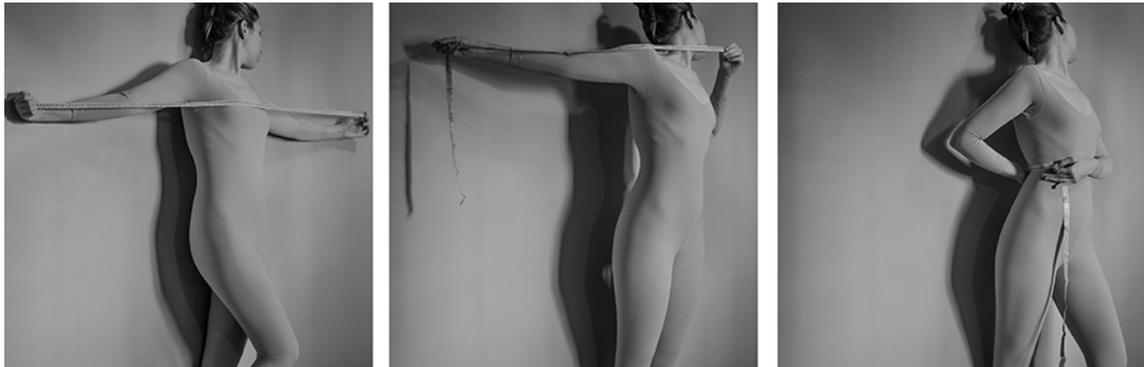


Figura 3: Larissa Camnev. Mensura do corpo via fita métrica, 2017. Foto-Ações.  
Fonte: Elaborada pela autora

Em uma necessidade de olhar isoladamente para cada medida aferida, começo a cortar nove fitas métricas padronizadas e comumente comercializadas em 150 centímetros, gerando nove outras fitas métricas com o mesmo padrão de unidade de medida, mas contendo as medidas referentes ao meu corpo, desordenando/convertendo-as. Fixo-as em uma parede levando em consideração os eixos vertical e horizontal validados na tomada de medidas (Figura 4) e (Figura 5).

A ação de prender as fitas métricas e observar as medidas de largura e de comprimento planas na parede, provindas de uma forma tridimensional, o meu corpo, conduziu-me a pensar o vínculo entre o bidimensional e o tridimensional. Faço referência a uma forma tridimensional via uma fita bidimensional.



Figura 4: Larissa Camnev. Fitas métricas cortadas. Cada fita faz menção a uma medida, na ordem: ombro, busto, cintura, quadris, altura de frente, contorno de braço, largura das costas, pescoço e comprimento de calça, 2017. Foto-Ação  
Fonte: Elaborada pela autora



Figura 5: Larissa Camnev. Fitas métricas cortadas e matéria referência, 2017. Foto-Ação.  
Fonte: Elaborada pela autora.

## **Unidade, estilhaçada**

Na ação de contornar e esticar a fita métrica em centímetros, afirma-se o corpo no espaço, experienciando sua materialidade, fazendo do ato de medir um modo de significar. A reflexão do texto marca “a partir” do corpo, orientando o olhar para o espaço da matéria perceptiva. A determinação de dimensões via um padrão é conter uma quantidade deste algo inscrito em uma unidade. Por intermédio desse padrão é possível mensurar corpos, objetos, espaços como uma ação objetiva que faz uso de uma razão lógica e abstrata. Atenta-se para essa regra aplicável estabelecida por uma convenção, olhando para essa ordem como possibilidade de perceber-se. É explanado pela ação da prática artística, pelo movimento de extração, de “tirar as medidas”, a viabilidade do corpo ser instrumento e referência, afirmando ser espaço, antes de externá-lo e encadeá-lo ao espaço: “A espacialidade do corpo é o desdobramento de seu ser de corpo, a maneira pela qual se realiza como corpo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.206). Fragmento-me em nove diretrizes corpóreas de medição para entender-me como unidade, qualidade de ser uno: “Estilhaça a tua própria medida” (HILST, 2017, p.475).

## **Referências**

- DEPRAZ, N.; VARELA, F.; VERMERSCH, P. On Becoming Aware. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- GAIARSA, J.A. A estátua e a bailarina. São Paulo: Ícone, 1995.
- HEIDEGGER, Martin. Being and Time. Tradução Joan Stambaugh. Albany: State University of New York Press, 2010.
- HILST, H. Da poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- IIDA, Itiro. Ergonomia, projetos e produção. São Paulo: Edgar Blücher Ltda., 2005.
- MEDIR: MICHAELIS, Moderno dicionário da língua portuguesa, Disponível online em: <[http:// michaelis.uol.com.br/moderno- portugues/busca/portugues- brasileiro/medir/](http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/medir/)> acesso em 16 de maio 2018.
- MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MERLEAU-PONTY, M. O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- NANCY, Jean-Luc. Corpo, fora. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.
- NOË, Alva. Action in Perception. Cambridge: MIT Press, 2004.
- PETROSKI, E. L. Antropometria: técnicas e padronizações. Porto Alegre: Palotti, 1999.
- SILVEIRA, I; SILVA, G. Medidas Antropométricas e o Projeto do Vestuário. In: COLÓQUIO NACIONAL DE MODA, 3., 02-05 out. 2007, Minas Gerais. Anais Eletrônicos. Minas Gerais: Colóquio Nacional de Moda, 2007. CD-ROOM.

## **Larissa Camnev**

Artista visual e mestrandia do Programa Interdisciplinar em Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas com auxílio CAPES/PROSUC. Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Foi bolsista de Iniciação Científica com auxílio FAPIC/Reitoria. Concentra sua produção e

poética pessoal na linguagem fotográfica, investigando as relações corpo-espaco. portfólio:  
[cargocollective.com/larissacamnev](http://cargocollective.com/larissacamnev).